



GURIAS PARA UM LADO E GURÍIS PARA O OUTRO: AS DISCUSSÕES DE GÊNERO NO AMBIENTE ESCOLAR

Maicon Farias Vieira¹
Ana Carolina Andrade Baptista²

Resumo

O espaço escolar por ser um reflexo constante da realidade social é rico em possibilidades de se avaliar, exercitar e trabalhar a ética e a democracia. Com relação às temáticas que abordam as questões de gênero na escola, esta realidade tem se mostrado cada vez mais problematizadora e cheia de possibilidades para este exercício. A partir disso, este artigo tenta mostrar como os agentes educacionais vêm se moldando (ou não) aos dilemas desse assunto, bem como evidencia algumas situações onde o gênero pode ser fomentador de discussões escolares. Dentre as situações evidenciaremos a relação professor aluno, como se dão as formações das filas partidas por gêneros nos ambientes escolares e as relações entre as distinções sobre brinquedos de “gurias e guris”.

Palavras-chave: Gênero. Práticas educacionais. Escola.

Ingressando no tema

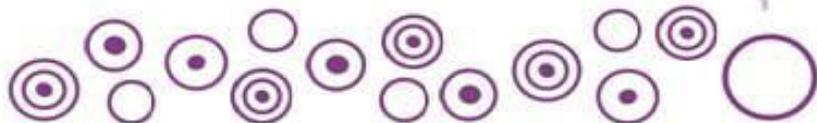
A cada dia se tem presente no contexto escolar segregações que ocorrem a partir da não aceitação do gênero de alguns educandos. A educação infantil³, por exemplo, separa os educandos por mesas, por brinquedos e em filas distintas. Contudo, não existe uma regra que faça isso, posto que quem organiza o espaço escolar é o educador. Portanto, as limitações impostas no ambiente escolar quanto às diferenciações de gênero são reflexo, em parte, da construção deste educador. Ciente disso, a proposta deste artigo é discutir como é arranjada essa desigualdade de gêneros no ambiente escolar, trazendo exemplos claros da falta de cooperação entre os culturalmente opostos.

Ainda que a difusão da igualdade de gêneros esteja sendo bastante discutida em todos os âmbitos, a sociedade não está preparada de forma totalitária para trabalhar com tal temática. “O sistema escolar reproduz as condições da sociedade” (PILETTI, 2002), assim

¹ Mestre em Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - Campus Pelotas, Professor da Prefeitura Municipal de Pelotas, maiconfariasvieira@gmail.com

² Licenciada plena em Educação Física pela Universidade Paulista, Aluna visitante da Universidade de São Paulo, anacarolinajuris@gmail.com

³ Compreende-se por educação infantil a primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996)





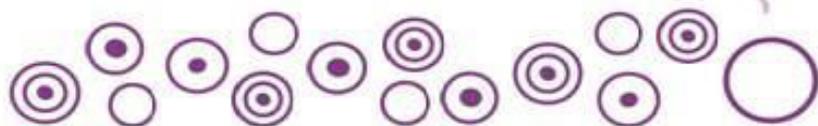
sendo, se um educador possui em suas bases ideológicas sociais preconceito quanto à relação entre sexos diferentes e, mais ainda, quanto à diferenciação entre gêneros, possivelmente, o reflexo disso virá nas ações junto aos educandos que estejam envoltos dele. A escola delimita espaços, servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui (LOURO, 1997). Tal feito se ajuíza na reportagem “A igualdade começa na sala de aula” de Marcos Giesteira, pois nesse ambiente observamos que o grande problema é que ao tratar sobre gênero, bem como sobre sexualidade, o educador tem que lidar com suas dificuldades tidas ao longo da vida, dentre elas, a sua conformidade quanto ao termo gênero (GIESTEIRA, 2013). Em outras palavras, a construção das paridades de gênero processa-se a partir das diferentes conjugações ou negociações dos estereótipos e papéis de gênero nas interações sociais, nos diversos contextos e situações sociais (MIRANDA, 2008).

Tendo em vista tal discussão, por que a escola, e, por assim dizer, a sociedade, convencionou o que “é bom” (ou não) para gurias e guris?

Se colocarmos em cheque a formação dos educadores, veremos que não há um preparo de forma efetiva nos bancos universitários que visem trabalhar a relação das diferenças de gênero na educação. A partir disso, o próprio feito de questionar o constituído e o pensar homem-mulher torna-se precário. Como problematizar o feito de gurias e guris sentarem nas mesmas mesas se na vivência do educador isso não acontec(e)ia? Como deixar que as meninas brinquem com ferramentas e os meninos de comidinha se há toda uma construção social que diz o contrário?

Normalmente as respostas das questões propostas possuirão como resposta uma nova pergunta: o que a família dirá de tais práticas? Ao deixar um guri brincar de boneca, a família poderá questionar o professor sobre o porquê da “novidade”, visto que não está convencionado socialmente que este feito seja tradicional. Porém, este mesmo guri poderá, sim, cuidar de seus irmãos menores em casa, sem que haja questionamentos da família, ou seja, considerando isso normal. Essa “naturalização” faz com que feitos pertencentes à realidade de quem disciplina tornem-se habituais. Foucault, em Vigiar e Punir (1987) propunha que a disciplina “fabrica” indivíduos. Esta fabricação nada mais é do que a naturalização das ações. Ao questionarmos esse contexto “natural” em que os sujeitos são disciplinados, poderemos ir ao encontro das palavras de LOURO (1997):

Afinal, é "natural" que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que "naturalmente" a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se misturem" para brincar ou trabalhar? É de esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão "características" de cada gênero?(LOURO, 1997, p. 63).





Brinquedos, filas e cérebro

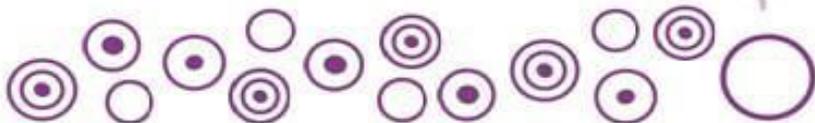
Dentre as principais reações naturalizadas referentes a gênero na escola, as mais discutidas estão nas relações entre os brinquedos que cada gênero pode ou não usar, a criação de filas diferenciadas por sexo e as diferenciações quanto ao aprendizado.

Quanto à diferenciação dos brinquedos e atividades lúdicas no ambiente escolar as gurias tendem a ocupar o “canto do lar”, as mesas para desenho e outras atividades artísticas (PAECHTER, 2013). Esta relação enfatiza o feito de que a guria é feita para cuidar da casa, bem como dos afazeres domésticos. Já os brinquedos destinados a guris possuem atributos principalmente masculinos com os quais os meninos precisam lidar – ser forte, poderoso e aventureiro (CALDAS-COULTHARD; LEEUWEN, 2004). Ao referir-nos aos passatempos infantis, devemos ter claro que os brinquedos sempre são uma representação de algo. Um brinquedo nunca é feito do/para nada. BARTHES (1993) afirma que eles são sempre propostos para alguma coisa:

(...) esta alguma coisa é sempre inteiramente socializada, constituída pelos mitos ou pelas técnicas da vida adulta moderna. Brinquedos representam, basicamente, as instituições de nossas sociedades: o Exército, a Radiodifusão, os Correios, a Medicina (maletas de médico em miniatura, salas de cirurgia para bonecas), a Escola, o Salão da Cabeleireira (secadores para fazer permanente), o Transporte (trens, Citroens, Vedettes, Vespas, postos de gasolina) e a Ciência (Brinquedos espaciais, ferramentas, etc.). (BARTHES, 1993, p. 53).

Quando relacionamos as brincadeiras de pátio com a esfera do gênero, gurias tendem a ocupar os principais espaços do pátio destinado à recreação. Já as gurias tendem a permanecer mais à margem (PAECHTER, 2013). Porém, cabe ressaltar que em todos os casos, sempre há crianças que fazem de tudo para quebrar essas estreitas relações. Gurias que se esforçam para serem aceitas junto às quadras de futebol e/ou brinquedos ditos masculinos. Da mesma forma, gurias que desenvolvem bem os afazeres das brincadeiras ligadas ao lar e/ou expressões artísticas, possuirão um grande desafio, contudo bastante válido para seu crescimento pessoal. Essas quebras de paradigmas são costumeiras e evidenciam, por assim ser, a presença da fronteira cultural. A fronteira cultural advém do conceito de território cultural de Bhabha (1998) e ocorre quando duas ou mais culturas são/estão conflitantes. Diz-se assim, pois, somente com o choque e as interações sociais surgirão as rebarbas das limitações que poderão acarretar na (não)constituição dessa fronteira.

Já quando falamos das filas que as crianças compõem dentro da escola, poderíamos dizer que elas são além de excludentes na relação de gênero (já que separam gurias e guris de forma bastante clara) são também quanto às diferenciações de tamanho, visto que aqueles que possuem uma estatura maior se vêem obrigados a permanecer no final das filas. Se a escola é





o espaço de produção do saber, a reflexão sobre a escola deveria privilegiar o conhecimento e não a separação entre os sexos (KISHIMOTO, 1999). A tendência da militarização a partir das filas torna os “corpos dóceis⁴”, tornando-os submissos e disciplinados.

A fila parece integrar a rotina e o comportamento das crianças ao longo do período escolar: na entrada postam-se em filas, cada qual na sua turma e dirigem-se, sempre em fila para a classe. Na hora da refeição ou troca de sala novamente e a fila que permite o deslocamento para outro espaço. Após as refeições, vão, novamente em fila, em duplas para o banheiro. As crianças que já terminaram ficam no final da fila esperando os outros. (KISHIMOTO, 1999, p. 3).

Quando falamos da relação de aprendizado junto aos gêneros temos algumas mostras de pesquisas que revelam dados interessantes. Alicia Fernández em entrevista à revista Nova Escola⁵ comenta que as gurias possuem internalizado o conceito de que devem ser obedientes, quietas e passivas para chegarem a um bom aproveitamento. Assim, muitas vezes elas deixam de questionar os educadores para que se mostrem dóceis e acabam não tirando dúvidas pertinentes aos conteúdos. A mesma estudiosa revela que os guris apresentam hiperatividade e as gurias são diagnosticadas com distúrbios de atenção - estão sempre dispersas e não se concentram. Ambos os casos levam à dificuldade de aprendizagem e são considerados questões de gênero. Carvalho (2001) aponta que as estatísticas que desagregam sexo, mostram diferenças de desempenho entre gurias e guris no ensino fundamental e médio.

MAIA (1993) assinala que a maioria das crianças encaminhadas por problemas de aprendizagem e conduta são do gênero masculino, o que corrobora a representação social de que as gurias são menos "problemáticas" do que os guris. Os problemas de aprendizagem que ocorrem nos guris incomodam educadoras e educadores; os problemas de aprendizagem nas gurias ficam mais invisíveis. Ser uma boa aluna coincide com as características que definem uma boa menina e uma boa menina é semelhante ao que se define como próprio para uma boa mulher (FERNÁNDEZ, 1995).

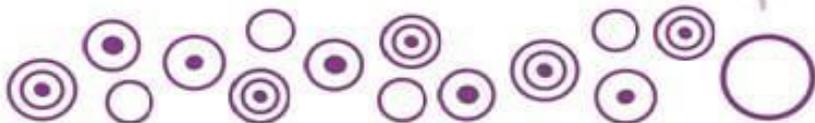
Carvalho (2001) ainda afirma que nas escolas as gurias ”são percebidas como responsáveis, organizadas, estudiosas, sossegadas, caprichosas, atentas, mas menos inteligentes”, e guris percebidos como “agitados, malandros, dispersivos, indisciplinados, mas inteligentes” (CARVALHO, 2001).

Em suma...

Ao abordarmos a problemática do gênero junto à escola, podemos concluir que a grande maioria dos educadores ainda não está preparada pra trabalhar com tal temática,

⁴ Termo de FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 127, 153.

⁵ Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/desenvolvimento-e-aprendizagem/aprendizagem-tambem-questao-genero-432236.shtml>. Acesso em: 19 agosto 2017.





principalmente pelas influências que o meio externo tem sobre eles, impossibilitando o exercício ético e democrático que a temática poderia suscitar.

Podemos consumir também que os brinquedos e brincadeiras de guris demonstram virilidade, força e normalmente ocorrem nas áreas mais centrais da escola. Já para as gurias, o que corresponde é relacionar suas brincadeiras ao ambiente do lar e/ou atividades artísticas, além de ficarem à margem das atividades do gênero masculino. Quanto à criação de filas que regulem a não intersecção entre gurias e guris, vê-se que a militarização e rigor da atividade faz com que os corpos deixem-se influenciar. Quando fala-se sobre as relações de gênero e a aprendizagem, torna-se claro que gurias tendem a ficar mais quietas na sala de aula, não tiram muitas dúvidas e, por consequência acabam por se sair mal. Ademais, observou-se que o maior número de problemas de aprendizagem e conduta estão presentes junto ao gênero masculino.

Ao fim e ao cabo, cabe ressaltar que a prática acima da escrita de gênero faz com que reflitamos sobre como nós, agentes sociais, nos comportamos nas decisões que cercam esse tema. Contudo, o mais importante é lembrarmos que todos possuímos diferenças e que estas devem ser respeitadas como afirma SERRES (1993):

- Como as mil cores do casaco podem se dissolver numa soma branca?
- Assim como o corpo – respondiam os doutos – assimila e retém as diversas diferenças vividas durante as viagens e volta para casa mestiçado de novos gestos e de novos costumes, fundidos nas suas atitudes e funções a ponto de fazê-lo acreditar que nada mudou para ele, também o milagre laico da tolerância, da neutralidade indulgente, acolhe na paz, todas as aprendizagens, para delas fazer brotar a liberdade de invenção e, portanto, de pensamento. (SERRES, 1993, p. 6).

Esta pesquisa não se encontra encerrada. O meio que perpassa as relações de gênero no espaço escolar sempre possui caminhos em aberto para que possamos conhecer novas realidades, com diferentes proposições.

Referências

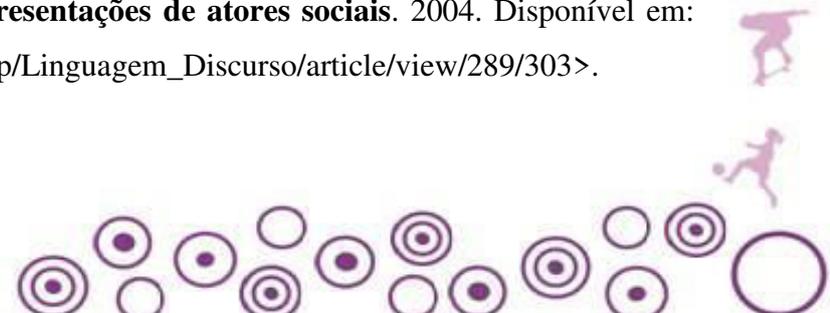
BARTHES, R. **Mythologies**. St. Albans: Paladine, 1993. p.53

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRASIL. *Lex: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; LEEUWEN, Theo van. **Discurso crítico e gênero no mundo infantil: Brinquedos e representações de atores sociais**. 2004. Disponível em: <http://aplicacoes.unisul.br/ojs/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/289/303>.

Acesso em: 18 agosto 2017.





CARVALHO, Marília Pinto de. Mau aluno, aluna boa? Como as professoras avaliam meninos e meninas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001. p. 561

FERNÁNDEZ, Alícia. **Aprendizagem e as questões de gênero**. Palestra proferida na FAPA. Porto Alegre, 18 nov. 1995.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. p.127, 153

GIESTEIRA, Marcos. **A igualdade começa na sala de aula**. Revista Pátio. Ano XI, número 36, julho/setembro de 2013. p. 36

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Salas de aula de escolas infantis: Domínio da fila, tempo de espera e falta de autonomia da criança**. Nuances, v. 5, jul. 1999. p. 3 Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/90/103>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e Educação: Uma proposta pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 58, 63.

MAIA, Denise da Silva. **O conceito de criança na pré-escola: gênero, poder e subjetividade**. Porto Alegre: UFRGS, 1993. 164p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação - Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1993.

MIRANDA, Patrícia. **A construção social das identidades de gênero nas crianças: um estudo intensivo em Viseu**. VI Congresso Português de Sociologia, 2008. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/136.pdf>, acesso em 22 de fevereiro de 2018.

PAECHTER, Carrie. Por que meninos e meninas escolhem brinquedos diferentes. **Revista Pátio**, v. 9, n. 36, jul./set. 2013. p. 13

PILETTI, N. **Estrutura e funcionamento do ensino fundamental**. 26. ed. São Paulo: Ática, 2002.

SERRES, Michel. **Filosofia mestiça**. Tradução: Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 6.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

